



## O ADOLESCENTE HOMOSSEXUAL E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Marlene Almeida Ataíde <sup>1</sup>  
Latif Antonia Cassab <sup>2</sup>

### *Resumo*

Inúmeros estudos tem denotado o quanto a questão da identidade se apresenta complexa, múltipla, dinâmica e num constante devir. Nesta, uma intrincada rede de representações se entrelaça e cada personagem se reflete uns nos outros, todos instituintes de um processo identitário, desaparecendo assim, qualquer possibilidade de se estabelecer um fundamento originário para cada um deles. Nesta condição, de pessoa única, capaz de selecionar e rejeitar as influências dadas pelo contexto sócio-cultural, está dado a questão da sexualidade. Uma das primeiras percepções que o ser humano detém é sobre a relação de gênero, aprendendo, desde os primeiros anos de vida, que somos de um determinado sexo e não de outro e, que tal condição implica em determinados tipos de conduta, atitudes e gostos, associados ao sexo oposto. Neste sentido, a homossexualidade expressa uma condição em que os sujeitos, à revelia de uma sociedade, apresenta sua forma de ser sexual, o que nos aproxima da proposta deste trabalho: a comunicação de uma pesquisa qualitativa, cujo objetivo foi conhecermos os modos de vida do adolescente homossexual, entre 14 a 21 anos de idade, cumprindo a medida socioeducativa de internação, na Fundação Centro de Atendimento Sócio-Educativo do Adolescente, São Paulo.

### *Introdução*

Eu sou aquilo que consegui fazer com o que fizeram de mim.  
Sartre, 1987

O trabalho que ora apresentamos relata uma pesquisa compreensiva, com o objetivo de conhecermos os meandros – condições e modos de vida – pelos quais são construídos a identidade do jovem infrator homossexual, bem como a questão do preconceito face a sua orientação sexual <sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup>Docente e Pesquisadora no Curso de Serviço Social, Universidade de Santo Amaro (UNISA-SP). E-mail: [maataide@yahoo.com.br](mailto:maataide@yahoo.com.br)

<sup>2</sup>Docente e Pesquisadora no Curso de Serviço Social, FECEA. E-mail: [latif\\_cassab@yahoo.com.br](mailto:latif_cassab@yahoo.com.br)

<sup>3</sup>Para efeitos de esclarecimentos, o termo orientação sexual refere-se aos desejos e preferências de um indivíduo, sendo considerada uma questão de gênero (masculino e feminino). É o que determina a atração sexual que um indivíduo sente por outro, independente do sexo que esse possui, podendo ser assexual quando não sente atração sexual por nenhum



A ambiência empírica se constitui na Unidade de Internação Provisória – 6 (UIP-6), na antiga Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (FEBEM-SP), atualmente Fundação Centro de Atendimento Sócio-Educativo do Adolescente (CASA) *lócus* institucional onde o sujeito desta pesquisa se encontrava cumprindo a medida socioeducativa de internação<sup>4</sup>.

Neste fazer, produzimos a partir da literatura pertinente às temáticas identidade e homossexualidade, um suporte teórico o qual se confrontou com o suporte empírico, dado a partir da História Oral, com a técnica da história de vida.

O sujeito da pesquisa foi um jovem com 20 anos de idade, com nome fictício de Lucas, acusado de envolvimento em ato infracional tipificado como homicídio qualificado, ocorrido no município de São Caetano do Sul / São Paulo.

#### *Identidade e homossexualidade: reflexões acerca do tema*

Em janeiro de 2002, Lucas (nome fictício) foi internado na FEBEM/SP, acusado de envolvimento em ato infracional tipificado como homicídio qualificado, ocorrido no Município de São Caetano do Sul / São Paulo. Sua história de vida está pautada por significativas perdas afetivas no espaço familiar. Poucas são as lembranças que traz da figura paterna, o qual constituiu uma nova família não o reconhecendo como filho. A figura materna é vista como ausente no seu processo educativo. Esta é reconhecida como possuidora de hábitos etílicos, ao mesmo tempo em que trocava de parceiros com muita frequência. Permaneceu quase sempre sob os cuidados da sua avó materna figura com a qual mantinha vínculos significativos. Em 2001, sua avó veio a falecer ocorrendo uma ruptura nos laços afetivos. Possui um irmão mais velho que se encontrava cumprindo pena no sistema prisional, além de uma irmã de 16 anos com a qual diz manter uma relação de carinho e afeto compartilhando das angústias vividas.

Possui uma relação de ambigüidade com a figura materna, ora apresentando muita mágoa, ora indiferença. De igual forma, ocorre com a figura paterna, pois não estabeleceu um vínculo duradouro com o mesmo, não o aceitando e repudiando pelo fato de tê-lo abandonado (ele e seus irmãos) para constituir uma nova família quando ainda eram pequenos e precisavam de proteção.

---

gênero, bissexual quando sente atração pelos dois gêneros, heterossexual quando sente atração somente pelo gênero oposto e homossexual quando sente atração por indivíduos do mesmo gênero.

<sup>4</sup>Os adolescentes internados provisoriamente nesta Unidade encontram-se cumprindo medida de internação provisória, conforme preceitua o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Art. 108, o qual relata que a internação, antes da sentença, pode ser determinada pelo prazo de quarenta e cinco dias. Parágrafo Único. A decisão deverá ser fundamentada e basear-se em indícios suficientes de autoria e materialidade, demonstrada a necessidade imperiosa da medida.



Essa apartação no ambiente familiar trouxe conflitos para esse jovem, pois ainda pequeno foi relegado pelos pais gerando um sentimento de profunda angústia e solidão.

Nesta perspectiva, as mudanças pelas quais as famílias vêm passando, na atualidade, as fazem distintas em suas formas de organização, mas a coesão e a comunicabilidade entre os membros que a compõe são, conforme afirma Assis (1999, p. 50) “[...] determinantes para a qualidade das relações familiares”. Isso sugere que, em relação ao adolescente em pauta houve poucos relacionamentos e comunicações no espaço familiar além destes apresentarem-se instáveis e pouco coesos, se considerarmos que a família sendo a instituição mais antiga da sociedade, é o primeiro espaço que permite garantir a satisfação das necessidades básicas das pessoas e, simultaneamente, o desenvolvimento da personalidade e da socialização.

Fatos que sucederam na sua trajetória familiar, desde a infância, podem ser observados na narrativa a seguir, as quais deixaram marcas e sequelas cruciais na história de vida de Lucas.

Minha família, desde criança sabe [...] nunca tive nada com eles, sempre era o meu irmão, a minha irmã, eu sempre fiquei do lado deles, mas nunca briguei com eles. Eu nunca me dei bem com a minha mãe, eu sempre fiquei isolado. Minha mãe não nos orientava também, ela nunca bateu na gente... mas ficava no mundo dela. Não ligava pra gente, só ligava para os maridos dela. Falei que um dia ela vai precisar de mim, por tudo que ela fez, porque eu acho assim: nossa! Trocar filhos? Porque eu sempre falei pra ela, eu preferia ser sabe [...] deixado no hospital, ou ter sido abortado. Pelo menos se eu tivesse tido outra mãe ia ser mais feliz do jeito que eu sou. Eu conheci o meu pai quando a gente era criança, ele morava no Campo Limpo, aí ele ia também ver a gente, só que teve um tempo que ele não foi mais [...] desapareceu [...] a última vez que eu tinha visto ele, ele estava com outra mulher e três filhos. Do mesmo jeito que ele tem três filhos lá e ele pode cuidar, porque não pode cuidar da gente quando a gente precisava dele? Eu sempre morei com a minha avó e meu avô, só fui morar com a minha mãe quando a minha avó morreu.

Embora a família não seja um conceito unívoco, podemos afirmar, radicalizando, que a família não é uma expressão passível de conceituação, mas tão somente de descrições, ou seja, é possível descrevermos as várias estruturas ou modalidades assumidas pelas famílias através dos tempos, mas não as definir ou encontrar algum elemento comum a todas as formas com que apresentam este agrupamento humano.

O contexto familiar aparece na narrativa do adolescente marcada por severas rupturas, configurando assim, como um espaço que não ofereceu apoio, afeto e proteção na condução do seu processo de socialização, sempre marcado por sentimentos de rejeição, culminando com perda da figura da avó após o falecimento. Embora a família seja o primeiro espaço de socialização as figuras daquele universo que deveriam possuir um papel fundamental para propiciar afeto, apoio, atenção e proteção, pelo contrário, não lidaram ou teve na vida deste jovem um desempenho de papel significativo no sentido de transmitir segurança durante a socialização primária, enquanto primordial durante as primeiras instâncias de vida de todos os seres humanos.

Para Berger e Luckmann (1999) a socialização é como um processo de internalização. O



mundo social é internalizado pela criança, mas este processo também ocorre com o adulto, cada vez que se insere em um novo contexto social e em um novo grupo social. A esses dois processos, Berger e Luckmann (1999) definem como socialização primária. No primeiro caso, não havendo escolha de outros significativos, tendo que como pais o que o destino deu. E, por socialização secundária, no segundo caso, como sendo a interiorização dos ‘sub-mundos’, ou seja, tal socialização é mais qualificada pois exige a aquisição de vocabulários e de conhecimentos específicos. A sociedade não é, então, algo que exista no sentido “durkheimiano”, mas parte do nosso ser mais íntimo. A sociedade não só controla nossos movimentos como imprime forma aos nossos pensamentos, identidades e emoções. Analisa ainda, a socialização como construção social, vivência singular, seja na família, escola, trabalho, seja em qualquer instituição. Significa movimento, pois “[...] a socialização nunca é total nem está jamais acabada” (BERGER; LUCKMANN, 1999, p. 184).

Por outro lado, frisam essa desvantagem de forma injusta nessa fase inerente do ser criança, ressaltando que, embora a criança não seja simplesmente passiva no processo de socialização, quem estabelecem as regras do jogo é sempre os adultos. (BERGER; LUCKMANN, 1999).

Lucas refere-se, ainda, que a única figura que exerceu uma função mais “significativa” na sua vida foi a sua avó materna, pois a sua mãe, conforme ele mesmo comenta: “[...] é uma pessoa que está constantemente trocando de companheiros e fazendo uso abusivo de bebidas alcoólicas”.

Não aceitando o modo de vida da sua mãe, mesmo assim, após o falecimento da sua avó, foi residir com a mesma contra a sua vontade. Como as relações eram conflituosas e não encontrando um lar continente às suas necessidades, Lucas passou a residir com pessoas suspeitas, já identificadas no mundo da delinquência pela prática de delitos.

A ausência de um modelo que pudesse identificar as relações familiares contribuiu em sua opinião para transgredir as normas sociais e para ter saído de casa para morar com estranhos. Na busca de uma emancipação precoce, passou a realizar furtos em supermercados para garantir o sustento, pois não aceitava morar com estranhos sem dividir as despesas. Naquela ocasião, passou a fazer uso de drogas e para pagar dívidas efetuadas junto aos traficantes intensificava, cada vez mais, a prática de furtos em estabelecimentos comerciais.

Assim, as condições de vida em que o jovem se inseriu determinaram um grau de vulnerabilidade, pois, o encontro com esses outros significativos com os quais passou a interagir, contribuiu fortemente em motivá-lo na busca da droga e da transgressão no sentido de contestar, de ser contra a família, contra a sociedade e seus valores face à desilusão e o desencanto, o que pode



ser atribuído às suas relações sociais e familiares e as condições de vida, pela forma como foi inserido ao mundo. Seu relato ilustra o quanto as decepções e frustrações tornaram-se determinantes na sua vida, trazendo outros valores, piorando a sua auto-estima e, conseqüentemente, deixando-o menos protegido.

O momento mais triste da minha vida foi quando a minha avó morreu, ela era tudo [...] foi meu pai e minha mãe, ela nunca deixou faltar nada pra gente, ela sempre trabalhou, quando a gente precisava de alguma coisa ela dava, aí quando ela morreu eu senti muito [...] Eu não quis ficar na casa da minha mãe e fui morar na casa do meu primo [...] normal, né [...] mas aí eu comecei a usar droga, eu passei a roubar mais por causa da droga, mas eu não fiz nenhum tratamento, quando eu não queria usar eu não usava, eu não era um dependente da droga, só usava quando ia roubar nos mercados e queria bastante dinheiro, aí eu usava porque eu tinha bastante raiva de todo mundo da minha família porque se minha mãe tivesse dado valor pra gente eu não tava na casa dos outros, eu não tava roubando, eu não tava usando droga, eu não tava revoltado.

Suas lembranças da infância são vagas insistindo que não se lembra dessa fase em sua vida, permanecia “no seu mundo,” e que apenas gostava de brincar com bonecas e com meninas da sua idade usando escondidas as maquiagens da sua mãe. A sua interação com as meninas ocorria sempre no espaço privado. Sente prazer em falar da sua orientação sexual, assumindo-a aos 12 anos de idade, cujos ensaios na idade infantil não foram percebidos pelos familiares, pois ocultava dos mesmos com receio de ser repreendido pela sua mãe e pela sua avó. Relata,

Eu não consigo lembrar a minha infância [...] eu só sei que brincava de bonecas, eu não gostava de carrinho [...] de jogar bola [...] gostava de brincar com as meninas, porque os meninos só pensavam em soltar pipa e jogar bola e eu ficava distante, eu gostava das meninas porque elas brincavam de bonecas eu só me lembro disso, até os dez anos eu brincava também de casinha e a minha mãe desconfiava e quando ela perguntava se eu era ou não era, eu sempre negava, eu tinha medo, mais aí [...] quando eu ia me pintar eu pegava as maquiagens dela e ia me pintar escondido na casa da vizinha pra ela não ver [...] eu tinha 10 anos... [...] A minha avó nem passava pela cabeça dela, porque quando eu assumi, eu me assumi pra minha avó e pra minha mãe porque as duas estavam perto e elas aceitaram tudo normal né?

A identidade de Lucas, até então oculta, levava-o a se questionar quem é ele no momento em que assume para a família a sua orientação sexual. Possivelmente essa pergunta deva surgir para todos aqueles que se encontra em dúvidas, em algum momento de suas vidas, como necessidade de orientar-se e posicionar-se frente ao mundo em que vivem. A necessidade de constituição de identidades tem na busca desta resposta o início de um processo que permite ao sujeito ser reconhecido na diversidade de situações e lugares nos quais se faz presente.

Identificar-se é então reconhecer-se e ser reconhecido. É um jogo de interações nem sempre tranquilas, mas muitas vezes conflituosas, entre a maneira que o sujeito se vê e a percepção que tem dos modos como os outros o vêem. Portanto, uma vez que a identidade seja reconhecida numa relação ela é assumida como produto e não como produção, e para assim se manter se faz necessária a re-atualização através de rituais sociais, reposição, como algo já dado, retirando em consequência, o caráter de historicidade, aproximando-a da noção de mito que prescreve condutas corretas,



reproduzindo o social. “A reposição da identidade deixa de ser vista como sucessão temporal passando a ser vista como simples manifestação do ser idêntico a si mesmo em permanência e estabilidade” (CIAMPA, 1985, p. 66-67). Ou “[...] a mesmice de mim é pressuposta como dada permanentemente, e não como reposição de uma identidade que uma vez foi posta” (CIAMPA, 1985, p. 67). As atividades de indivíduos identificados são normatizadas tendo em vista manter a estruturação social, vale dizer, conservam a identidade produzida, paralisando o processo de identificação pela re-posição de identidades pressupostas, e que um dia se fariam postas. A identidade é a representação do estar sendo, onde o ser que está sendo é uma parcela da humanidade que nega o que se é sem estar sendo, a humanidade total.

A identidade que surge como representação do meu estar-sendo, se converte num pressuposto do meu-ser (como totalidade), o que formalmente, transforma minha identidade concreta (entendida como um dar-se num a sucessão temporal) em identidade abstrata, num dado atemporal-sempre presente (entendida como identidade pressuposta re-posta). Desta forma, eu me represento a outrem, não sendo minha totalidade nem me mostrando ‘sendo’; representação:

1. Eu me represento enquanto estou sendo o representante de mim (com uma identidade pressuposta e dada fantasmagoricamente como sempre idêntica).
2. Eu represento, em consequência, enquanto desempenho papéis (decorrentes de minhas posições) ocultando outras partes de mim não contidas na minha identidade pressuposta re-posta (caso contrário eu não sou o representante de mim).
3. Eu represento, finalmente enquanto reponho o presente o que tenho sido, enquanto reitero a apresentação de mim re-apresentando como o que estou sendo - dado o caráter formalmente temporal atribuído à minha identidade pressuposta que está sendo repostada encobrendo o verdadeiro da minha identidade (como uma sucessão que estou sendo, como devir). (CIAMPA, 2001, p. 69).

Durante as entrevistas, Lucas colocava-se mais à vontade quando narrava sobre sua orientação sexual, embora se sinta discriminado pelas pessoas que não aceitam a sua condição de ser “diferente”.

Ah senhora! Eu não sei viu [...] ah! eu me acho o máximo sabe, o máximo. Quando eu me arrumo me acho assim.... Ah! mas eu me acho um show! Acho que a senhora vai se chocar, eu não sei explicar assim, como eu sou [...] Eu me sinto discriminado por parte de muitas pessoas, existe muito preconceito contra os homossexuais, por isso eu espero que o governo libere lugares fechados onde pode só os homossexuais.

De acordo com (Tesón 1989, p. 11-12), “O poder da ambição em todos os níveis sociais e as dificuldades econômicas lançam muitos adolescentes às ruas para obter lucros fáceis ou modos de vida e comportamentos próprios de outros níveis sociais”, enfatizando como uma das causas geradoras do enorme quantidade de prostituição homossexual.

A narrativa acima demonstra que o próprio jovem possui uma representação de si que pode chocar as pessoas em termos da sua orientação sexual. Ao mesmo tempo em que se sente discriminado pelas pessoas, aparece em seu relato certa ambiguidade, pois, ao mesmo tempo, reivindica dos governantes lugares segregados em que exacerba ainda mais a discriminação pela qual se diz alvo. Quanto a isso, Gofmann (1988, p. 11-12) destaca que: “A sociedade estabelece os



meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada categoria. Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidades de serem neles encontrados”.

Desta maneira, pode-se inferir que o estigma refere-se à “situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena” e, conseqüentemente, promove uma generalização e a desumanização do portador de algum tipo de diferença significativa. E o homossexual, estará enquadrado nessa categoria?

Assim, os momentos críticos da vida de Lucas põem em evidência as diferentes facetas do processo de exclusão que vai afetando o seu futuro e interferindo na construção da sua identidade.

Para Souza Santos (*apud* SAWAIA, 1999, p. 122), a identidade “[...] não é um conjunto de atributos permanentes, mas a síntese de múltiplas identificações em curso”, que se afirma em um modo de ser (permanência) que se abre ao outro e, conseqüentemente, à transformação, “apresentando-se como categoria política e estratégica nas relações de poder”.

Sawaia (1999) alerta para as armadilhas no uso da identidade como categoria analítica, como se existisse duas concepções antagônicas, de um lado, ressaltando o que é único, singular, e de outro, a multiplicidade, a indeterminação, cujo risco reside no culto a uma delas, que pode se apresentar como marca discriminatória que segrega e aparta. A autora refere-se à importância de se manter a tensão entre os dois sentidos contidos na identidade – o de permanência e o de transformação, e reconhece a identidade como igualdade e diferença, o que significa superar o seu uso político como estratégia de regulação de poder, disciplinadora das relações e mantenedora dos pensamentos hegemônicos, usada para transformar o outro em “estranho, igual, inimigo ou exótico”

Durante a entrevista, o momento mais tenso ocorreu com a abordagem relativa ao ato infracional que lhe fora imputado, culminando com a medida socioeducativa de internação. Neste episódio, Lucas atribuiu a autoria do delito a dois indivíduos que foram “cobrar” dívida de drogas, resultando no assassinato da vítima, uma mulher. Referiu que a sua participação foi a de proteger os filhos da referida vítima para que eles não presenciassem a cena, e também, porque a mesma era sua conhecida. Não evitou a tragédia porque se o fizesse “poderia ser morto também”.

Infere-se, portanto, que a construção da identidade desse jovem é uma identidade construída nas relações cotidianas concretas, às quais não oferecem estabilidade material, afetivo-emocional e familiar e, cujos rompimentos, em diferentes níveis, levam somente a sobrevivência no plano do imediato. (VIOLANTE, 1989).

A análise de Violante (1989) se coaduna na forma como esse jovem reafirma a visão que tem





de si, ao mesmo tempo se opõe, fazendo com que a sua identidade continue a ser usada para manter a lógica excludente numa sociedade hierarquizada e disciplinadora das relações, pois, ao narrar a sua versão reconhece-se como alguém que se fez presente para proteger os filhos da vítima, e estava convencido de que nada poderia acontecer contra a sua pessoa dando a entender ser uma “pessoa boa”. Esperava que a sua participação passiva no fato, o isentasse de qualquer regulação que norteia as normas do convívio social. Desta forma, ignorou que toda a vida em sociedade exige o respeito das regras de comportamento que regem as relações interpessoais. Se o homem infringe grave e regularmente, na totalidade ou em parte, essas regras, sejam por qual motivo for ele é considerado como alguém que infringiu determinada Lei e estará sujeito às penalidades à luz da legislação vigente.

No caso de Lucas, que na ocasião dos fatos contava com 17 anos e cinco meses, aproximadamente, de idade, foi aplicada como resposta social a medida socioeducativa de internação, conforme prescreve o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), no seu Artigo 122: “A medida de internação só poderá ser aplicada quando: Inciso I – tratar-se de ato infracional cometido mediante grave ameaça ou violência à pessoa”.

Embora não possua experiência profissional, Lucas coloca como projeto de futuro fazer um curso de cabeleireiro ou de auxiliar de enfermagem, áreas com as quais se identifica e, assim, posteriormente, encontrar uma colocação profissional para se estabelecer e alugar uma casa para morar com a sua irmã, reiterando que não suporta mais “[...] estar ao lado da sua mãe habituada a tantos companheiros instáveis e também alcoólatras”.

Seus projetos de vida ainda não estão bem delineados, além de serem ambivalentes, ora colocando como aspiração fazer um curso de cabeleireiro, ora de auxiliar de enfermagem, ressalta, contudo, que são áreas com as quais se identifica, representando um salto para conseguir uma colocação profissional e se desvencilhar do ambiente familiar e do modo de vida que a sua mãe tem levado, bem como dos companheiros da mesma que são também portadores de hábitos étlicos.

Apesar de toda a trajetória percorrida pelo jovem deste estudo, ele ainda é capaz de pensar no futuro, de realizar planos e apontar saídas para viver uma vida que é considerada “normal”, uma vida que tem direitos, os quais lhe são negados cotidianamente. Neste sentido, relata que,

Quando eu for desinternado eu vou ter que bater de frente com a sociedade, sempre fazendo a minha, cuidando de mim, indo sempre pra frente, nunca pensar no mal porque senão quebra tudo de novo, não quero saber mais disso pra minha vida. Eu quero trabalhar, quero arranjar um serviço honestamente, ter minha casa porque é o meu sonho, nada é impossível.

Destartes, Lucas refere-se a um esforço, no sentido de buscar outras formas de viver em sociedade, mesmo tendo consciência dos desafios a serem enfrentados para conseguir a sua inclusão





no mercado de trabalho e garantia da sua sobrevivência. Neste sentido, Ciampa (2001, p. 165) coloca que:

O ser humano também se transforma., inevitavelmente. Alguns, à custa de muito trabalho, de muito labor, protelam certas transformações, evitam a evidência de determinadas mudanças, tentam de alguma forma continuar sendo o que chegaram, a ser um momento da sua vida, sem perceber, talvez, que, estão se transformando numa réplica, numa cópia daquilo que já não estão sendo, do que foram. De qualquer forma, é o trabalho de re-posição que sustenta a mesmice.

Assim, é a história de Lucas, permeada pela desestrutura social familiar, pelo conflito, pela negação de seus direitos, porém, com a perspectiva de ser outro amanhã.

### *Considerações finais*

A história de vida de Lucas é a história de um ser singular, com particularidades, considerando que é membro de uma família com a qual não pode contar nos momentos cruciantes da sua vida, mas, ao mesmo tempo, essa família existe e não pode ser negada. Por outro lado, representa uma universalidade, enquanto pertencente a uma sociedade, que negue a sua existência.

O estudo apontou que desde a sua infância Lucas não experimentou relações saudáveis no seu processo de identificação, e isso se estendeu pela adolescência, levando-o ao convívio com “outros” que não possuíam um bom referencial para o estabelecimento de relações que permitissem uma inclusão satisfatória nos ambientes sociais, culminando, ainda, por conhecer o mundo das drogas e, conseqüentemente, participando de um grave ato infracional, com violência contra uma pessoa.

A dura realidade a que foi submetido esse jovem, desde tenra idade, aponta os diferentes níveis de precariedade, sociabilidade e vulnerabilidade que marcaram sua vida, buscando, no presente, a concretização de suas expectativas, ou seja, através de uma profissionalização e outra forma de ser e interagir com os outros, enfatizando, principalmente, a saída do mundo delinquente, apesar dos enfrentamentos que terá que realizar para galgar espaços de reconhecimento e pertencimento.

Nesse sentido, é importante a análise de Ciampa (2001, p. 70), ao ressaltar que,

Só posso aparecer no mundo frente a outrem efetivamente como representante do meu ser real quando ocorrer a negação da negação, entendida como deixar de presentificar uma apresentação de mim que foi cristalizada em momentos anteriores – deixar de repor uma identidade pressuposta – ser em movimento, ser processo, ou, para utilizar uma palavra mais sugestiva se bem que polêmica, ser metamorfose.

Lucas estava vivendo naquele momento uma fase “metamorfoseada”, buscando refletir as ações das quais participou e, ao mesmo tempo, procurando formas para se desvencilhar do que se foi, vislumbrando um futuro promissor voltado para um trabalho que lhe devolva uma vida digna e



compartilhada pela sua irmã.

### *Referências*

ASSIS, Simone Gonçalves de. **Traçando caminhos numa sociedade violenta: a vida de jovens infratores e de seus irmãos não infratores.** Rio de Janeiro/Brasília: FIOCRUZ/CLAVES/UNESCO/Departamento da Criança e do Adolescente – Secretaria de Estado dos Direitos Humanos—Ministério da Justiça, 1999.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento.** Trad. Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis/RJ: Vozes, 1999.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente.** Lei 8.069 de 13 de julho de 1990. – Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília, 1990.

CIAMPA, Antônio da Costa. **A estória de Severino e a história de Severina: um ensaio da Psicologia Social.** 7 reimp./1 ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

\_\_\_\_\_. **Questão original da psicologia social.** 1977. Dissertação. (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. P. 1-15.

MONTAGNA, Adelma Pistun. **Expressões de gênero no desenho infantil.** 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.

GOFMANN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** Trad. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

SAWAIA, Bader (Org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social.** Petrópolis/RJ: Vozes, 1999.

TESÓN, Nestor Eduardo. TESÓN, Nestor Eduardo. **Fenomenologia da homossexualidade masculina.** São Paulo: EDICON, 1989. Disponível em: <http://homossexualidade.sites.uol.com.br/homo.htm> Acesso em: 20 jun. 2009.

VIOLANTE, Maria Lúcia. **O dilema do decente malandro – a questão da identidade do menor –** FEBEM. São Paulo: Cortez, 1989.